

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

O que eles querem saber

Com o presidente do BRB, Nelson de Souza, confirmado hoje na Comissão de Assuntos do Senado, a tendência é de Casa lotada. É que os senadores estão ávidos para saber, em primeiro lugar, quando sairá o balanço da instituição. Em segundo lugar, querem todos os detalhes do acordo chancelado pelo ministro do Supremo Tribunal Federal Luiz Fux. Em especial, a taxa de juros.

Reforma do Judiciário

A reunião que o PT fará hoje em Brasília para debater uma reforma do Poder Judiciário vai na linha do que tem sido dito pelo ministro do Supremo Tribunal Federal Flávio Dino. Um dos pontos será o de que não dá mais para conviver com penduricalhos.

A hora delas

O pré-candidato do PL, Flávio Bolsonaro, está focado em obter o voto das mulheres. Na semana passada, o mestre de cerimônias em Belo Horizonte se esmerou ao falar da presença feminina no evento do partido com a presença do filho 01 de Jair Bolsonaro. E, nesta semana, Flávio Bolsonaro se derramou em elogios à economista Daniela Marques, ex-presidente da Caixa Econômica Federal, batizada desde janeiro pela equipe do pré-candidato como o "posto Ipiranga" de Flávio.

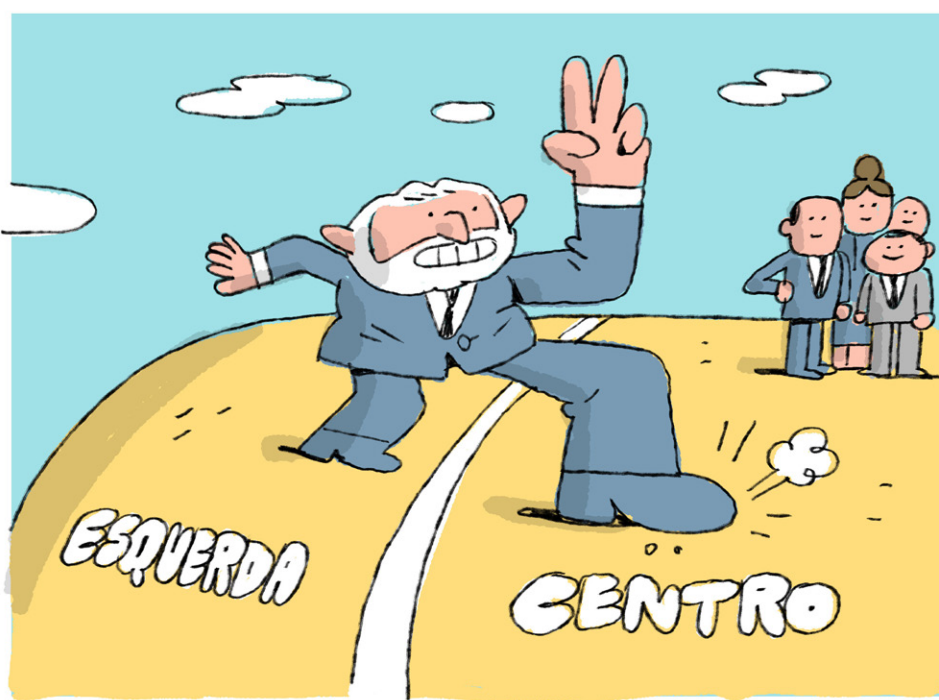
Tem "hermano" na campanha do DF

O marqueteiro argentino Diego Brandy, que coordenou a equipe de Eduardo Campos na corrida presidencial de 2014 e trabalhou, ainda, para o então governador de Pernambuco em suas campanhas, deve assumir, em breve, o comando da equipe de marketing do candidato ao PSB ao governo do Distrito Federal, Ricardo Cappelli. Eles conversaram recentemente e... deu "match".

A escolha de Lula

Ainda que o presidente do PT, Edinho Silva, tenha rechaçado qualquer conversa com a governadora de Pernambuco, Raquel Lyra (PSD), o presidente Lula não poderá se dar ao luxo de recusar apoio ao centro. O que se diz nos bastidores do partido é que, se Lula quiser vencer a eleição, terá que ampliar sua campanha para o centro. Em 2022, foi mais fácil porque o centro decidiu apoiá-lo no segundo turno, caso, por exemplo, de Simone Tebet, então candidata do MDB que foi para os palanques petistas cantar "está na hora do Jair já ir embora". Agora, com dificuldades de atrair o eleitorado mais ao centro-direita, Lula terá que tentar pegar embalo no segmento do eleitorado agradecendo o apoio desses governadores que se aproximam.

O PT seguirá com o ex-prefeito de Recife João Campos, pré-candidato do PSB ao governo estadual, mas Lula não dispensará o palanque de Raquel, se esse apoio vier. Aliás, Raquel Lyra está numa posição parecida com a de Lula. Da mesma forma que o presidente precisa ampliar da esquerda para a centro-direita, ela precisa fazer esse mesmo movimento no sentido oposto, ou seja, da direita para a centro-esquerda. Ainda que o partido dela tenha um candidato ao Planalto, a governadora, sempre que puder, exaltará a relação amistosa com o presidente Lula de olho nos votos do petista no estado.



CURTIDAS

Da série "Perca o amigo, mas não a piada"/ Cappelli ainda não fechou sua chapa completa. Esta semana, conversa com a deputada distrital Paula Belmonte (PSDB) e espera que Reguffe decida concorrer ao Senado. A demora do ex-senador em decidir sobre a disputa já fez com que Ricardo Cappelli desse ao ex-parlamentar, em tom de brincadeira, obviamente, a alcunha de "Refugue".

Flávio e Michelle/ A ex-primeira-dama e o enteado continuam com o que muitos classificam como "dificuldade de relacionamento". Chega ao ponto de candidatos a cargos majoritários no DF evitarem aparecer ao lado de Flávio para não chatear Michelle. Porém, os dois vão se encontrar, amanhã, em um evento de lançamento de candidaturas distritais do PL.

Dia de São Pedro/ Voando baixo desde o início da crise envolvendo o Banco Master, os presidentes do União Brasil, Antonio Rueda, e do PP, Ciro Nogueira, estarão juntos no dia 29, em São Paulo, no evento do Lide com a série de presidentes de partido para falar sobre o cenário eleitoral de 2026. Ambos rezam dia e noite para a federação União Progressista sobreviver ao vendaval provocado pelos negócios e fundos suspeitos de fraude geridos pelo antigo banco de Daniel Vorcaro.

José Jorge recebe título/ Ex-ministro de Minas e Energia e do Tribunal de Contas da União, o ex-senador e ex-deputado por Pernambuco José Jorge (foto) recebeu uma boa notícia, ontem: O conselho de administração do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP) lhe conferiu o título de Doutor Honoris Causa da instituição. A carta que comunicou ao ex-senador a concessão da honraria é assinada pelo diretor-geral do IDP, Francisco Schertel Ferreira Mendes, e pelo ministro do STF Gilmar Mendes, fundador e professor do IDP. A data da solenidade ainda não foi marcada.

Samuel Figueira/TCU



» Entrevista | CARLOS VIANA (PSD-MG) | SENADOR

Às vésperas da definição da relatoria da PEC da escala 5x2, parlamentar defende adoção de modelo 4x3 para saúde e segurança

“Sociedade quer jornada mais humana”

» DANANDRA ROCHA

A reunião de líderes, hoje, no Senado, vai tratar da relatoria e do cronograma de tramitação da proposta de emenda à Constituição (PEC) que acaba com a jornada 6x1. O debate ocorre em meio à pressão por uma resposta do Congresso à demanda por escalas de trabalho mais flexíveis. Como um dos principais articuladores da discussão, o senador Carlos Viana (PSD-MG) defende que o Senado vá além da simples validação do texto aprovado pela Câmara e aproveite o momento para aperfeiçoar a proposta. Autor de uma emenda que cria a escala 4x3 para profissionais da saúde e da segurança pública, Viana afirma que a sociedade “já mandou o recado” ao cobrar mais qualidade de vida, mas ressalva que qualquer mudança deve ser construída com responsabilidade. “Eu não votarei a favor de qualquer proposta que retire direitos do trabalhador”, afirmou.

O senhor defende um modelo mais avançado de redução da jornada, próximo da escala 4x3. O Senado deve aproveitar a discussão da PEC para avançar além das 40 horas semanais ou esse debate deve acontecer em etapas?

Eu defendo que o Senado faça um debate maduro, sem acodamento e sem demagogia. A Câmara aprovou uma proposta que reduz a jornada para 40 horas semanais e garante dois dias de descanso. Esse é um avanço importante. Mas o Senado tem o papel de aperfeiçoar o texto. A minha posição é clara: precisamos discutir

Geraldo Magela/Agência Senado



qualidade de vida para o trabalhador brasileiro. E, nesse debate, quero incluir uma atenção especial a quem trabalha sob pressão extrema, como profissionais da segurança pública e da saúde. Não se trata de atrapalhar a PEC. Trata-se de melhorar o debate.

Há maioria favorável à redução da jornada de trabalho ou o tema ainda enfrenta resistências no Senado?

Ainda é cedo para afirmar que existe maioria consolidada. O que eu percebo é que o tema ganhou força na sociedade. O trabalhador brasileiro quer mais qualidade de vida, isso ninguém pode ignorar. Mas, também, há preocupação legítima com o impacto econômico,

nos pequenos negócios, em custos e na organização dos setores. O papel do Senado será equilibrar essas duas coisas: proteção do trabalhador e garantia de segurança para a economia

A proposta do senador Rogério Marinho (PL-RN) tem sido apresentada por seus defensores como uma alternativa de flexibilização das relações de trabalho, mas é vista por opositores como uma “Escala 7x0”. Como o senhor avalia essa proposta?

A PEC do senador Rogério Marinho abre uma discussão sobre novas formas de relação de trabalho. Assinar uma PEC significa permitir o debate, não aprovar

automaticamente cada vírgula do texto. O que eu deixo claro: não votarei a favor de qualquer proposta que retire direitos do trabalhador. Meu compromisso é com quem trabalha. Modernização, sim. Retirada de direitos, não.

Há preocupação de empresários com aumento de custos e impacto sobre empregos. Há estudos ou experiências internacionais que demonstrem que uma jornada menor pode manter a produtividade sem prejudicar a economia?

Esse é exatamente o debate que o Senado precisa fazer com responsabilidade. Há experiências internacionais que indicam que jornadas menores podem melhorar



A sociedade já mandou o recado: quer jornadas mais humanas, mais tempo com a família e mais qualidade de vida. Agora, cabe ao Congresso transformar esse sentimento em uma proposta equilibrada”

Carlos Viana (PSD-MG), senador

produtividade, reduzir afastamentos e aumentar qualidade de vida. Mas o Brasil tem uma realidade própria, com setores muito diferentes. Por isso, não podemos tratar uma indústria, um hospital, um comércio e a segurança pública como se fossem a mesma coisa. O caminho correto é ouvir trabalhadores, empresários, especialistas e categorias profissionais. O Senado precisa construir uma solução que proteja o trabalhador sem destruir empregos.

O Senado também tem propostas próprias sobre o tema. Essas propostas podem ser incorporadas ao debate sobre a PEC aprovada na Câmara?

Eu acredito que o Senado deve

buscar convergência. Não adianta transformar esse debate numa guerra de PEC contra PEC. O Brasil não precisa de disputa de autoria. Precisa de solução. Temos a proposta que veio da Câmara, temos propostas no Senado e temos emendas que podem aperfeiçoar o texto. O mais importante é construir uma proposta responsável, clara e aplicável.

Caso o Senado opte por alterar substancialmente o texto aprovado pelos deputados, isso pode prolongar a tramitação. É possível aprovar uma mudança ainda neste ano?

O ideal é aprovar uma mudança possível, responsável e segura. Não podemos usar a pressa como desculpa para aprovar um texto mal feito. Mas, também, não podemos usar o perfeccionismo como desculpa para não avançar. O trabalhador brasileiro espera uma resposta. Minha posição é: vamos avançar, mas com responsabilidade. E responsabilidade significa discutir também os setores que vivem realidades mais pesadas, como segurança pública e saúde.

Se o senhor tivesse que apostar, o trabalhador brasileiro terminará 2026 com uma mudança constitucional aprovada para reduzir a jornada de trabalho?

Eu espero que sim. Mas isso vai depender da capacidade do Senado de construir acordos. A sociedade já mandou o recado: quer jornadas mais humanas, mais tempo com a família e mais qualidade de vida. Agora, cabe ao Congresso transformar esse sentimento em uma proposta equilibrada, que proteja direitos, preserve empregos e valorize quem trabalha. Eu vou atuar nessa direção.